

VÓRTICE

Informativo sobre Magnetismo

ANO I, n.º 01

Aracaju/SE/Brasil, Junho/2008

jvortice@gmail.com

EDITORIAL

Às vezes, costuma-se espalhar certos "conhecimentos" no meio espírita que, depois de soprados aos quatro ventos, de tanto se repetir de boca em boca, de ouvido em ouvido, acabam se tornando uma "quase-verdade".

Com o Magnetismo tem sido assim. Com algumas exceções, esta grande ciência tem sido esquecida, dissociada do Espiritismo ou relegada a atividade de menor valor, reduzindo o seu alcance e as suas aplicações.

Nesta primeira edição do Jornal Vórtice, cujo objetivo é transmitir informações a respeito do Magnetismo, aproveitamos para ressaltar a necessidade do estudo aprofundado da Doutrina Espírita a fim de colocarmos as "coisas" nos seus verdadeiros lugares.

É preciso conhecer para valorizar. O nosso propósito é buscar o esclarecimento, trocar idéias, divulgar, enfim, tudo aquilo que se relaciona à ciência magnética e à sua prática.

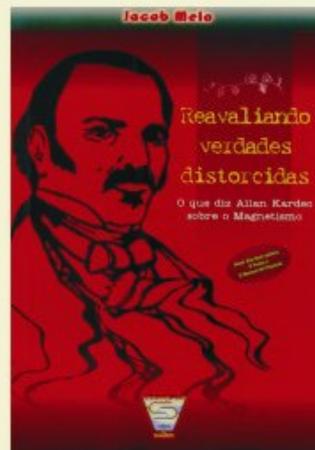
Entregamos então ao amigo leitor a primeira edição do Jornal Vórtice, aguardando as preces de todos para que possa ser o primeiro de muitos outros, servindo à causa do bem, conforme preceitua a Doutrina Espírita e o Evangelho do Cristo.

ENTREVISTA

Jacob Melo, um dos maiores pesquisadores no campo do Magnetismo e do Passe, com diversas obras escritas sobre o assunto como "O Passe", "Manual do Passista", "Cure-se e Cure pelos Passes" e "A Cura da Depressão pelo Magnetismo", lançou recentemente o livro "Reavaliando Verdades Distorcidas - o que diz Allan Kardec sobre o Magnetismo".

Um livro esclarecedor, onde ele aborda os vários aspectos do Magnetismo encontrados nas diversas obras de Allan Kardec. De forma simples mas profunda, Jacob analisa, perquire, tira dúvidas, resolve distorções nos fazendo compreender o quanto Magnetismo e Espiritismo estão unidos por laços de grande afinidade.

Vamos à entrevista:



VÓRTICE - O que o motivou a escrever a obra “Reavaliando Verdades Distorcidas”?

J.M. - Foram vários fatores; uma espécie de “dívida pessoal” para com o Mestre Kardec, pois sempre o li e o interpretava em palestras, mas não havia deixado muita coisa registrada nesse sentido; depois, minha esposa me dizia que nem sempre bastava falar e que era preciso deixar bem definido de onde eu tirava minhas deduções básicas; por fim, comecei a apresentar citações de Kardec em meus cursos e seminários e observei que a reação e a percepção do público era muito melhor e mais consistente. Sendo assim, preferi ampliar o leque e não deixar mais que certas dúvidas elementares continuassem sendo mais fortes do que as razões bem assentadas já existentes para dissipá-las.

VÓRTICE - Como esta obra está sendo “vista” pelas pessoas? Quais os comentários que têm feito?

J.M. - Uma coisa interessante está acontecendo em relação a este livro: ele está sendo muito bem vendido e muito bem comentado por quem entende que esta obra está desmistificando, de vez, um monte de credices erigidas na base do “sempre foi assim” tomada sem se levar em consideração a base Kardequiana. O outro grupo, aquele que sempre quis que fosse de um jeito que não é, mas que simplesmente pinçava frases e palavras para ratificar suas teorias pessoais está simplesmente calado. Não falam praticamente nada. Ou então fazem

como uma pessoa conhecida que, perguntada sobre o que ela achava da obra, simplesmente alegou que não perderia tempo lendo-a porque só lê Kardec nos originais franceses.

VÓRTICE - Na sua opinião, quais os motivos que levaram alguns espíritas a entenderem de forma distorcida a proposta de Allan Kardec com relação ao Magnetismo e ao trabalho de passes?

J.M. - A leitura, o estudo, a experimentação repetida e repetida e o provar o que se faz não são práticas muito habituais em nosso meio pelo menos não eram até poucos anos. Junte-se a isso uma forte tendência a se aceitar tudo o que vem “do alto” sem maiores investigações assim como a necessidade atávica de rituais e “orientadores espirituais”, tudo isso fez com que “professores” aparecessem com ares de tudo saberem e terem soluções para tudo, respaldando seus saberes em informações de guias ou numa falsa mansuetude evangélica, pela qual se afirma que “tudo são os Espíritos”. Estando criado o campo propício para tal, o que menos se buscou foi o estudo sério e aprofundado. E as limitações impostas pelos achismos de toda ordem foram tão radicalmente plantadas que até parece blasfêmia alguém dizer que Magnetismo e Espiritismo são uma só ciência e, por conta disso, deve-se fazer amplo uso daquela.

VÓRTICE - As Casas Espíritas geralmente mantêm trabalhos de passe abertos a todos que desejem recebê-lo, logo após as palestras públicas. Quais os benefícios e os malefícios, se



existem, deste tipo de atividade, com relação aos verdadeiros objetivos do Magnetismo?

J.M. - Não digo que existam malefícios no sentido genérico, mas nas experiências do dia-a-dia observa-se que muita gente sai mal de cabines de passes e fica um desencontro imenso sobre o que se fazer nesses casos e de quem é a culpa - quase sempre se aponta a falta de fé do paciente como a geratriz do mal estar. Há uma confusão muito grande entre o que é simples e o que é sério. Simples é tudo aquilo que se faz com qualidade e conhecimento; sério é o que se realiza com intuítos bem definidos e dirigidos ao bem. Portanto, o passe, simples e sério, não dispensa estudo, conhecimento, experiência e vivência. Só que em nosso meio é muito comum se achar que o simples é o insignificante e, portanto, não necessariamente sério. A partir daí surgem os absurdos bem como os equivocados nos passes.

“A leitura, o estudo, a experimentação repetida e repetida e o provar o que se faz não são práticas muito habituais em nosso meio.”

VÓRTICE - Este tipo de trabalho não estaria desvirtuando o Magnetismo e as suas verdadeiras bases?

J.M. - De certa forma sim. Tudo o que se faz em nome de algo ou alguém e que não seja ou esteja de acordo com o que se advoga como origem está, por isso mesmo, em erro podendo gerar danos de montas diversas e, muitas vezes, graves.

VÓRTICE - Como restabelecer o Magnetismo aliado ao Espiritismo, diante da situação em que se encontra hoje o entendimento dos passistas e dirigentes com relação àquela ciência? E com relação aos pacientes, muitas vezes, ávidos de resolverem suas problemáticas de forma imediatista?

J.M. - É um trabalho árduo, difícil e pouco reconhecido, mas que precisa ser feito, bem feito e não se permitir qualquer esmorecimento nesse sentido. Trata-se de uma plantação complexa, demorada e de colheita ainda distante. Afinal é muito mais fácil se dizer que para aplicar passes basta ter amor, boa vontade e orar com fé do que se pedir estudo, ainda que elementar, sobre fluidos, perispírito, centros vitais, magnetismo clássico, conhecer toda a obra de Allan Kardec e, de quebra, ainda ter noções, no mínimo razoáveis, de anatomia, fisiologia e patologia. Em minha visão, só há um meio: fazer, fazer, fazer e fazer. Demonstrar na prática que Allan Kardec estava certo também nessa

matéria e os que forem assimilando isso também entrem no mesmo processo de fazer, fazer... Além disso, deve-se pesquisar sempre, estudar sempre, comparar resultados sempre e perseverar sempre. Quanto aos pacientes cabe aos dirigentes prestarem informações, explicações e razões de suas práticas a fim de, tornando-os esclarecidos, eles, por sua vez, venham a cobrar melhor qualidade de tudo o que estiver sendo colocado a serviço dos pacientes.

VÓRTICE - Na Revista Espírita de junho de 1858, Allan Kardec inseriu um texto ditado pelo Espírito E. Quinemant: "... O magnetismo, desenvolvido pelo Espiritismo, é a chave de abóbada da saúde moral e material da humanidade futura". Como devemos interpretar esta frase? Qual a responsabilidade dos espíritas diante do que o Espírito disse?

J.M. - Este Espírito prestou ajuda relevante a Kardec em várias mensagens. Sempre muito seguro e demonstrando dominar o assunto, suas palavras precisam mesmo serem bem assimiladas. Apesar da frase apontada permitir várias abordagens, fica bem evidente que o magnetismo é algo tão poderoso e útil que interferirá, quando bem resolvido e aplicado, até mesmo na saúde moral dos indivíduos. Fica até a questão: por que será então que não investimos nisso com mais afinco? Confesso que

não sei o porque.

Nossa responsabilidade não é nada pequena. A falsa ingenuidade de alguns certamente criará embaraços em suas consciências no futuro, pois se somos responsabilizados pelo bem que praticamos tanto como pelo bem que deixamos de praticar, imaginemos o que não nos pesará quando computarmos o mal que fizemos por dissimulação ou desvio de interesses!

VÓRTICE - Qual mensagem você pode deixar de incentivo àqueles que desejam conhecer mais e praticar melhor o Magnetismo?

J.M. - Não gosto de me colocar como exemplo, pois sei de minhas limitações, mas posso dizer que graças à perseverança e à determinação em experimentar, pesquisar, estudar e seguir, mesmo quando quase todos eram contra e me escanteavam como se faz com um louco ou perturbado, ainda assim prossegui e prossigo, pois o bem só acontece se for praticado e não apenas se limitar às discussões estéreis. Sugiro que estudem, experimentem e prossigam, pois o retorno que se recebe já nesta vida é algo tão extraordinário que vale a pena demais. E garanto: fazendo-se esses estudos e aplicando-os com amor e vontade estar-se-á realizando todo o bem que Jesus nos pediu e que Kardec tão bem orientou.

SOBRE AS IMPOSIÇÕES DE MÃOS

Comentando sobre o artigo "Imposição de mãos",
de Ivan Arantes Levenhagen, contido nos endereços

<http://www.espirito.org.br/portal/artigos/diversos/passe/imposicao-de-maos.html>

<http://www.terraespiritual.locaweb.com.br/espiritismo/artigo302.html>

Jacob Melo

Em meus livros sobre passes e magnetismo⁽¹⁾ tenho escrito, repetidamente, acerca da questão das imposições de mãos como técnicas únicas de transmissão de fluidos. Este, como muitos outros sub-temas relacionados aos passes, tem gerado discussões, na maioria das vezes pouco produtivas, quando, a meu ver, o ideal seria que os opinadores se voltassem mais ao estudo objetivo, direto e profundo do tema, a fim de não ficarmos limitados às variantes de uma bibliografia restritiva, da opinião do "eu acho", da insustentável afirmativa do "sempre foi assim" ou ainda da referência pessoal e desprovida de critérios de alguns "guias".

Mesmo sendo partidário de que toda e qualquer opinião merece ser considerada, inclusive a dos guias a quem acabei de me referir, isso não significa dizer que não devamos ter idéias próprias, especialmente se baseadas em estudos apropriados, na experiência vivencial e em pesquisas dirigidas àquilo que buscamos. Por isso mesmo costumo dar atenção a todas as matérias que chegam ao meu conhecimento e que dizem respeito aos temas que me interessam conhecer, estudar e aprofundar. Todavia, um tipo de opinião me preocupa; não é a desarrazoada ou mesmo a que é solta ao vento por quem fala por falar, mas a que procede dos que, escrevendo ou falando muito bem, não revestem suas palavras de um conhecer mais apropriado, bem embasado e que deixe claro o sentido de tratar o assunto com isenção. Preocupo-me porque opiniões assim costumam servir de baliza para muitos leitores e ouvintes, os quais, sem melhores alicerces de conhecimento pessoais, absorvem-nas de forma pouco produtiva, quase sempre comprometendo o que se deseja ter como bom.

Tem sido comum pessoas me telefonarem e escreverem pedindo minha opinião sobre algumas referências que costumam aparecer fortemente favoráveis a que só se aplique passes utilizando estritamente a imposição de mãos. Várias dessas pessoas costumam fazer alusão ao artigo referido acima. Sendo assim, vou tomá-lo como base para expor o que entendo acerca da questão, mesmo que para isso tenha que me estender mais do que o normal para um artigo como este. Antes de iniciar o comentário acerca

daquele artigo devo dizer que, lamentavelmente, não tive ainda o prazer de conhecer o seu autor, o irmão Ivan Arantes Levenhagen, portanto, não sei o quanto ele está enfronhado nas pesquisas do passe e do magnetismo. Mas, como sua matéria é pública, me permitirei tratar do assunto baseado em seu escrito em vez de ficar limitado e repetir minha visão sobre o assunto todas as vezes que me questionam a respeito. Neste artigo, mesmo respeitando aqueles que não concordem com minha abordagem, colocarei como leio o trabalho apresentado por esse companheiro de ideal e certamente considerarei o que posso e devo acrescentar para um melhor esclarecimento do assunto.



No início de seu artigo — Imposição de mãos —, o senhor Levenhagen, espírito de Resende-RJ, informa que faz palestras e participa de encontros com dirigentes espíritas, com a finalidade de conhecer os trabalhos visitados e depois comparar o que eles realizam com o que Allan Kardec codificou. Portanto, ele deve ser, no mínimo, um profundo conhecedor da obra de Allan Kardec, já que se considera com condições de realizar tão difícil análise comparativa.

Para apoiar o que irá dizer ao longo do artigo, ele buscou um trecho de Allan Kardec, em O Livro dos Médiuns, capítulo XIV, que trata sobre a mediunidade curadora. Eis a citação:

"Se magnetizas com o propósito de curar, por exemplo, e invocas um bom Espírito que se interessa por ti e pelo teu doente, ele aumenta a tua força e a tua vontade, dirige o teu fluido e lhe dá as qualidades necessárias."

Antes de seguir com o artigo do senhor Levenhagen, vou buscar uma questão de O Livro dos Espíritos, a de número 555, para refletirmos sobre seu amplo contexto.

- Que sentido se deve dar ao qualificativo de feiticeiro?

*"Aqueles a quem chamais feiticeiros são pessoas que, quando de boa-fé, gozam de certas faculdades, como sejam a **força magnética** ou a dupla vista. Então, como fazem coisas geralmente incompreensíveis, são tidas por dotadas de um poder sobrenatural. Os vossos sábios não têm passado muitas vezes por feiticeiros aos olhos dos ignorantes?"*

O Espiritismo e o magnetismo nos dão a chave de uma imensidade de fenômenos sobre os quais a ignorância teceu um sem-número de fábulas, em que os fatos se apresentam exagerados pela imaginação. O conhecimento lúcido dessas duas ciências que, a bem dizer, formam uma única, mostrando a realidade das coisas e suas verdadeiras causas, constitui o melhor preservativo contra as idéias supersticiosas, porque revela o que é possível e o que é impossível, o que está nas leis da Natureza e o que não passa de ridícula credence. (grifei)

Nessa questão fica ressaltado, com bastante ênfase, o zelo do senhor Allan Kardec em destacar a imperiosidade do consórcio entre o Magnetismo e o Espiritismo, a tal ponto que, em seu dizer, essas duas ciências formam uma só. E ainda acrescenta que de posse do **conhecimento lúcido** dessas duas ciências saberemos distinguir o que é natural do que não passa de credence.

Tomando esse ponto como basilar, posso dizer que as "coisas" do Magnetismo não poderão nem deverão ser consideradas como credences, muito menos ridículas, do contrário o senhor Allan Kardec estaria em falha grave na sua proposição.

Voltemos agora ao texto seccionado pelo autor do artigo que estou analisando. A primeira coisa que me causa profunda estranheza é que ele tenha suprimido, em sua transcrição, a colocação que deu origem àquela resposta. E se isso não bastasse, ele ainda suprimiu a primeira frase da resposta, daí eu dizer que sua citação

(1) São de autoria de Jacob Melo os livros: O Passe, seu estudo, suas técnicas, sua prática; Manual do passista, Cure-se e cure pelos passes; e A cura da depressão pelo Magnetismo.

foi seccionada e não selecionada.

Mesmo correndo o risco de me estender demais, vou transcrever o trecho integral para que comecemos a ver que nem sempre aquilo que está destacado traduz integral e verdadeiramente o que se advoga. Vou preferir pecar pelo excesso de transcrição a falhar por omissão.

2ª Entretanto, o médium é um intermediário entre os Espíritos e o homem; ora, o magnetizador, haurindo em si mesmo a força de que se utiliza, não parece que seja intermediário de nenhuma potência estranha.

"É um erro; a força magnética reside, sem dúvida, no homem, mas é aumentada pela ação dos Espíritos que ele chama em seu auxílio. Se magnetizas com o propósito de curar, por exemplo, e invocas um bom Espírito que se interessa por ti e pelo teu doente, ele aumenta a tua força e a tua vontade, dirige o teu fluido e lhe dá as qualidades necessárias." (grifei)

Como se observa, Allan Kardec faz uma afirmativa, na qual expressa sua convicção de magnetizador e sua dúvida quanto à influência espiritual no ato magnético. Quanto à parte que se refere a quem "pertence" a força magnética, não só ele a afirma como é confirmada pelos Espíritos: "... a força reside, **sem dúvida**, no homem...". Isto estabelecido fica claro que a ação magnética não é alheia ao passista, ao magnetizador. Isto difere da ilação de que se os Espíritos ampliam a força e a vontade ficam os passistas dispensados de suas posturas como magnetizadores, aí incluindo o movimentar as mãos. Creio deva ser lembrado, para não parecer que estou apenas me prendendo a palavras, que o Magnetismo é uma ciência que deve ser conhecida lucidamente e, em assim sendo, merece ser respeitada. Como ciência, o Magnetismo ensina, há milênios, que a movimentação das mãos não é obra aleatória, alegoria ou simples gesto destituído de lógica. Querer desnaturar isso logo no início do artigo e, ainda mais, tomando por base uma citação truncada de Allan Kardec, a mim me parece uma argumentação falseada na base e contraditória ante o que propôs o livro básico do Espiritismo.

Comentando o verbo invocar colocado na resposta dos Espíritos a Kardec, o senhor Levenhagen deu uma explicação que, mais uma vez, parece contradizer a proposta de Allan Kardec. Afirma ele que "a invocação de que falam os espíritos acontece mediante uma simples oração, uma prece, uma transmissão do pensamento do encarnado em direção ao

desencarnado". Estranho, muito estranho. Mesmo sabendo que, genericamente, um pensamento num determinado Espírito ou uma oração sejam consideradas como uma invocação — ou evocação —, um chamamento específico como o que está tão bem registrado por Kardec na questão, não seria algo tão superficial. Afinal, se assim fosse, literalmente, qualquer pensamento teria o poder fenomenal de atrair falanges de Espíritos e, por isso mesmo, a qualquer tempo e lugar poderíamos aplicar passes sem maiores cuidados. Por outro lado, se um singelo pensamento tivesse o dom de exercer atração tão poderosa seguramente jamais estaríamos à mercê de obsessores, pois que bastaria um lampejo de memória espiritual ou uma prece qualquer, chamando por Espíritos superiores, e tudo estaria resolvido, como num toque de magia. Mas, bem o sabemos, não é assim que ocorre. A evocação a que os Espíritos aduziram a Kardec é algo mais profundo, mais rico em postura de recolhimento e concentração. Ademais, o exemplo dado na resposta é que se busque por um bom Espírito, "que se interesse por ti e pelo teu doente". Como se percebe, não se trata de uma evocação qualquer ou, menos ainda, que qualquer Espírito seria capaz de exercer todo aquele poder ali citado. É necessário um direcionamento, um querer, uma vontade determinante.

Se tomarmos o prosseguimento da transcrição apresentada, perceberemos uma forma natural de evocação, a qual não foi consignada no comentário do senhor Levenhagen:

3ª Há, entretanto, bons magnetizadores que não crêem nos Espíritos?

*"Pensas então que os Espíritos só atuam nos que crêem neles? **Os que magnetizam para o bem são auxiliados por bons Espíritos. Todo homem que nutre o desejo do bem os chama, sem dar por isso, do mesmo modo que, pelo desejo do mal e pelas más intenções, chama os maus.**" (grifei)*

Interessante notar esse destaque. Se, nalguns casos, a evocação é necessária, a postura de um "bom magnetizador" é sempre atrativa de bons Espíritos. Isto assim é porque o conceito de bom magnetizador não se prende ao potencial magnético apenas, mas ao caráter moral, ético e de equilíbrio do profissional do magnetizador (ao tempo de Allan Kardec, recordemos, os magnetizadores eram profissionais, credenciados, e em seus consultórios recebiam pacientes; por sinal, o senhor Kardec foi um desses bons magnetizadores de sua época). Dessa forma, mais uma vez se percebe, com nitidez, a presença e a ação dos Espíritos nas atividades magnéticas, todavia, em nenhuma dessas referências sobra espaço para se inferir que o magnetizador tenha

ou exerça um papel menor, sem ação, sem movimentos. Isto, inclusive, pode ser reforçado pela questão seguinte, no prosseguimento do mesmo diálogo de Kardec com os Espíritos:

*4ª Agiria com maior eficácia **aquele que, tendo a força magnética, acreditasse na intervenção dos Espíritos?** "Faria coisas que consideraríeis milagre."*

Pela pergunta de Kardec fica novamente explícito quem é o detentor do poder magnético, assim como se sobressai a potenciação que surge com a interferência sabida e consentida dos Espíritos.

(continua no próximo número)



Jacob Melo é, na atualidade, a maior autoridade mundial no que se refere ao passe e ao magnetismo. Formou-se em Engenharia Civil em 1976 e pós graduou-se em Psicanálise em 2004. Promove suas pesquisas magnéticas desde os 15 anos de idade quando começou a atuar como passista no Centro Espírita. Escreveu seu primeiro livro (O Passe: seu estudo, suas técnicas, sua prática) em 1992, pela Editora FEB, o qual se transformou em best-seller. Escreveu ainda diversas outras obras sobre o assunto. Continua com os seus estudos e experiências no LEAN – Lar Espiritual Alvorada Nova, na cidade de Parnamirim/RN, onde são abrigados mais de 40 idosos carentes. Ministra conferências e participa de seminários em todo o Brasil e em outros países.